

---

# ENUNCIÇÃO

## Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

---

### Tradução

#### Carta ao Primo Gerald, 1941

Hans Jonas

Tradução de André Stock\*

 <https://orcid.org/0000-0003-1162-4890>

Documento HJ 13.40.38 <sup>1</sup>  
Hans Jonas Archiv, Konstanz Universität  
Carta ao primo Gerald Jonas, 1941<sup>2</sup>

Pal/8119  
Gnr. JONAS H.  
1º Pal. Ltd. A.A. Bty. R.A.  
FORÇAS DO ORIENTE MÉDIO

Querido primo,

Com certeza você já deve me considerar perdido, pois tanto tempo já faz que lhe deixei sem notícias. No verão passado você recebeu meus cumprimentos pelo Sr. Schocken pessoalmente, e recebi uma carta sua logo após. Pelo completo silêncio que

---

\* Doutor em Filosofia pela PUC-Rio, linha de Pesquisa em Filosofia e a Questão Ambiental. Suas pesquisas se concentram nas áreas da filosofia francesa, filosofia alemã, meio ambiente, desconstrução, estética, hermenêutica, existencialismo, antimessianismo e filosofia política. É Colecionador de Arte Contemporânea Brasileira. ([www.colecaocalmomstock.com](http://www.colecaocalmomstock.com)).

<sup>1</sup> Documento traduzido e citado com a permissão dos Arquivos Filosóficos da Universidade de Konstanz na Tese de Doutorado “Meia existência, 1921-1945. (Anti)messianismo, Antifascismo, Existencialismo: ambientes outros na gênese do pensamento de Hans Jonas”. Todos os direitos reservados, tradução para fins didáticos.

<sup>2</sup> Dentre os documentos estudados no período em que trabalhei no Arquivo Hans Jonas com a ajuda infatigável de seu Diretor, o Prof. Jochen Dreher, está a excepcional Carta ao Primo Gerald, 1941, escrita por Hans Jonas no front da II Guerra Mundial. Esta carta consta nos anexos de minha tese de doutorado, mencionada acima. Trata-se de uma carta íntima que traduz uma das qualidades fundamentais de Hans Jonas: aquela de uma ética rigorosa – que bem combina o longo problema filosófico das implicações entre teoria e prática. Contra a desqualificação da existência humana, esta carta íntima – escrita bem longe das bibliotecas e das faculdades de filosofia alemãs – revela um filósofo que orientou seu pensamento para ações de fato em defesa da humanidade.

desde então se instalou em nossa relação, sou apenas em parte responsável. Uma vez nesse meio tempo escrevi uma carta ao tio Leo em Santiago do Chile, que devia ser um tipo de “circular” para consumo familiar, ou seja, para ser enviada a você, já que eu estava na época absorvido demais em minha nova vida e no trabalho para ser prolífico nas correspondências. Apenas recentemente eu soube por uma carta do tio Leo que essa mensagem nem sequer chegou ao seu primeiro destino, e não acho que chegará depois. De qualquer maneira, presumo nesta carta que você não sabe nada e começarei do início.

Primeiramente, espero que aceite minhas desculpas. Andei muito ocupado de fato, e estava frequentemente cansado demais ou com preguiça demais para embarcar na grande empreitada da escrita de uma carta que quando chegasse meses após ficaria estagnada e obsoleta, e na qual eu poderia de qualquer forma apenas contar uma fração do que há para ser contado. Mas agora creio que já seja hora de superar esses obstáculos externos e internos. Na verdade, já durante algum tempo sinto o forte impulso de prestar contas a alguém dos motivos subjacentes, a *raison d'être*<sup>3</sup> de minha atual existência, e tenho um pressentimento de que esta carta que vou escrever – para meu e para seu benefício – se tornará um assunto longo. Para que possa compensar tantas cartas que fiquei devendo a você no passado.

A notícia mais importante – embora agora já com nove meses – a respeito de minha vida pessoal está contida no endereço de remetente acima. Em outubro passado me alistei nas forças armadas britânicas, na defesa antiaérea. Minha unidade é a Primeira Bateria Leve Palestina Antiaérea, Artilharia Real. É composta completamente de voluntários palestinos. A língua oficial é, claro, o inglês, mas nossa língua social é o hebraico. Em minha opinião, é um grupo muito bom de indivíduos. Sou um dos mais velhos, tendo completado em maio passado o 38º ano de minha agitada vida. Como tenho minhas amizades selecionadas de longa data de outra geração, e de um nível social completamente diferente do de meus camaradas atuais, não encontrei entre eles exatamente amigos no sentido pleno do termo. Mas sou bem independente disso, e me dou bem com aqueles com quem tenho de compartilhar minha vida e meu trabalho. Você me conhece bem, embora já sejam 8 anos desde que nos vimos, e não vai ficar surpreso com o rumo que tomei. Para mim estava claro desde o início, ou mesmo desde muito antes, que eu não continuaria sendo mero espectador desta guerra que está sendo

---

<sup>3</sup> *Razão de ser*, em francês no original. N.T.

travada por tudo o que faz a vida valer a pena ser vivida por nós, e contra tudo o que mais detestamos – e tememos. Posso dizer que bem antes, e talvez de modo mais agudo que a maioria de meus concidadãos, percebi que esta é nossa guerra no sentido mais fatídico e inescapável: seja lutando ou não, para nós a vitória de Hitler significa total destruição – não só aqui, mas em todo lugar – e a derrota dele é nossa única chance de sobrevivência. Apenas por este motivo, estamos irrevogavelmente unidos pela causa das Democracias, ainda que não compartilhemos ideais comuns. Quanto a isso, todos já percebem agora que elas vão muito além do mero escopo de uma forma de governo ou regime social: atingem a própria raiz de nossa civilização, as concepções básicas que moldam a estatura dos homens em nosso mundo. Nossa existência espiritual, não menos que a física, está em risco. E “nossa”, nesta instância, significa não a de um judeu separado, mas a que temos – em parte através de nossa própria contribuição histórica à herança ocidental – em comum com a Humanidade Europeia formada pelas tradições da antiguidade e do Cristianismo. Considerando estas questões mais amplas envolvidas – que valores estão em perigo e por quais contra-valores – chego ao ponto de chamar esta de uma guerra religiosa no sentido radical da palavra, apesar de forças sobrenaturais não estarem contestando isto. De qualquer maneira, o mundo em que eu como um ser moral sou capaz de respirar, está sendo desafiado totalmente, e em perigo mortal. Caso ele esteja condenado e caia, não desejo sobreviver a ele – no evento improvável de que eu seja fisicamente permitido. Mas essas considerações não são para os muitos para os quais a ameaça material é suficiente: o caso sendo, para nosso povo, terrivelmente simples a este respeito.

Por esses motivos sempre me pareceu um imperativo de honra e também de interesse para nosso povo tomar parte integralmente nesta luta - e de maneira visível - e insuportável o pensamento de deixar outros lutarem nossas batalhas sem nós. Nada atormenta mais meus pensamentos, na primeira fase lenta e arrastada da guerra, que o medo de que isso possa acontecer: talvez não por nossa culpa, contra nosso desejo e vontade – e mesmo apesar de nossa declarada prontidão – mas não obstante para nossa vergonha indelével, pois o julgamento da História não considera intenções, mesmo que boas, mas apenas fatos, e pouco se interessa pelo que impediu as pessoas de voltarem-se uns contra os outros. De modo que pelo menos ao primeiro nada falte ou para que tenha voz suficiente, tentei desde o primeiro dia de guerra, junto com alguns amigos que pensam como eu, começar um movimento para máxima participação na guerra das

gerações mais jovens de judeus deste país, aos quais tivemos algum tipo de acesso, e ao mesmo tempo tentando mobilizar as instituições públicas para a causa. Foi uma ação bastante solitária, e devido a nossos poucos recursos, não contou com muita publicidade. Além disso, não era exatamente um empreendimento popular na atmosfera austera deixada pelos anos anteriores de problemas com a herança de decepções e desconfiança deles. Em um tempo futuro será possível contar minhas não desinteressantes experiências nesta “campanha”, que serviu mais para ensinar a mim mesmo algumas verdades duras e sóbrias sobre as chances da iniciativa privada em nossos versáteis e bem-organizados tempos e sociedades. Além disso, havia duas partes para negociar, uma das quais inteiramente fora de nosso alcance, e esse fato deu um aspecto de certo modo irreal a nossos esforços. De todo modo, estávamos então à frente da opinião geral, creio que em ambos os lados, e tivemos a satisfação de ver – embora de forma alguma causar – a opinião geral vindo gradualmente para o lado do nosso ponto de vista. Pessoalmente, tive que esperar mais de um ano até que chegasse minha chance, ou seja, quando foi formada uma unidade aberta a pessoas de minha idade e não muito longe de minhas inclinações. Juntei-me a ela no dia de sua formação, e nem por um minuto me arrependi dessa decisão.

Incidentalmente, eu estava melhor preparado para a nova tarefa do que você pensaria, considerando minha vida e ocupação anteriores - “tecnicamente” pelo fato de que nos anos anteriores, durante os “tumultos” que eram na verdade uma guerra menor, eu tinha participado das atividades de autodefesa judaica como guarda especial, etc. e mentalmente pelo fato de que eu estava esperando esta guerra com crescente certeza durante todos esses anos problemáticos, procurando a tempestade nas nuvens que escureciam cada vez mais, e me preparando para o estouro a qualquer momento. Estava convencido de sua inevitabilidade, conhecendo como conhecia a natureza dinâmica das forças ameaçadoras. Via também de modo mais ou menos claro o confronto que se aproximava já na perspectiva geral para a humanidade que esbocei acima, sendo guiado por uma percepção anterior do que significa o nazismo espiritualmente, o desafio que ele contém para todo o nosso mundo. Na verdade, eu estava errado apenas em esperar que viesse muito antes do que aconteceu, provavelmente devido à impaciência de meus sentimentos. Pois não vou esconder que por minha parte eu realmente esperava pela oportunidade de ajustar as contas com a Alemanha. Vou ser bem franco com você sobre isso. A partir de 1933, tenho queimado com um desejo ardente de vingança, e não tenho

vergonha de confessar que com a progressão do pesadelo monstruoso ano após ano, com o sofrimento crescente de nosso povo perseguido, afiado pelo humilhante senso de impotência, esse desejo de revidar e acertar as contas com os detratores de nossa dignidade humana se tornou a paixão dominante de minha vida. Confesso este sentimento prontamente, pois nunca compartilhei o preconceito de meus contemporâneos de coração mais suave ou refinado contra ele. Acho que é não só perfeitamente natural, mas também um motivo honroso e até mesmo moral contanto que esteja pronto para enfrentar seus próprios riscos e fardos. Sua veemência é uma medida da profundidade do ferimento e a vigilância da honra que recusa a deixar passar sua violação de modo impune. O sutil desprezo com o qual a “vingança” é encarada por tantas pessoas, sempre suspeitei que vem mais da fraqueza, seja de sentimento ou de resolução, que de uma real superioridade. Não questionarei a atitude do verdadeiro cristão, a qual no entanto poucos realmente seguem, e muito menos aqueles que a usam para encobrir sua morosidade ou para evitar inconvenientes. A isso, pelo menos, prefiro a força emocional, e a fidelidade requerida para um ódio firme e durável que não se deixará adormecer no conforto de um porto seguro.

Sentimentos rasos da alma são como pequenas ondas na superfície de um lago, sem profundidade para ser movidas: daí vem muito da prontidão para “perdoar e esquecer” (da qual apenas o último elemento é verdadeiro) que gosta de se fazer passar por nobreza. Mas um senso de justiça mais agudo não consegue escapar dos sentimentos tão facilmente. Tenho certeza de que o amor é maior em quem também sabe odiar – onde estiver certo. O último elemento é um compromisso com a ação. Dar-se ao luxo de sentimentos passivos, “nutrir um sofrimento” é estéril. E também é barato, evidentemente, o mero regozijo com a visão ou o pensamento do inimigo caído derrotado por outros. Mas esperar sua hora, nunca esquecer, sempre manter a ferida aberta, a dor viva, e viver para o dia do ajuste de contas - assim como para uma chance de lutar ao invés de um triunfo garantido - é outra coisa. Em essência não passa do modo particular de enfrentar o desafio enquanto se é compelido pela hora de adiar o ajuste verdadeiro. Verdade, o adiamento forçado pode trazer à tona os perigos da atitude: há veneno nele se o sentimento acumulado cozinhar demais em seu próprio caldo, sem ser liberado em forma de ação. Porém mais venenoso, e mortal para o autorrespeito, seria o curso alternativo de abandono. Afinal, existem erros que exigem

retribuição caso o mundo queira ser aceitável de novo ao que foi injustiçado. Há feridas cujo causador deve ser destruído, se a pessoa ferida der algum valor à sua vida. É “ele ou eu”, na ordem moral, assim como física das coisas. E cabe ao próprio injustiçado arriscar sua vida e felicidade contra a continuação da existência do mal que lhe negou ambas. Ter escapado pessoalmente, ter sido preservado, é apenas uma obrigação de enfrentá-lo em termos melhores quando a ocasião surgir. Nenhuma alma que tenha orgulho aproveitará a trégua conquistada dessa maneira para uma felicidade sem consciência de si próprio que só pode ser roubada enquanto o desafio persistir e as contas não forem acertadas – e a propósito quem poderia realmente aproveitar a doçura da vida na atmosfera pesada daquele período de pré-guerra no qual a doença ia crescendo e se espalhando e atingia até mesmo os próprios lugares de refúgio, mesmo nossa nova pátria, um lembrete constante aos esquecidos de que não há segurança para nós enquanto essa força ainda tiver poder na terra? Nós aqui tivemos nossa lição local com os tumultos. Em outros lugares a ameaça tomou outras formas, outros disfarces. Em toda parte, foi a mesma força hostil visando nossa aniquilação, visando usar-nos como o primeiro cartucho a ser queimado para seus objetivos maiores. Esse foi o ponto em que vingança e autopreservação, honra e interesse coincidiram: o que a memória de sofrimentos passados pode ainda não ter atingido por si foi contribuído pela ameaça por demais real a nosso presente e futuro.

Estou lhe dando uma imagem em retrospecto do estado mental nos anos pré-guerra quando o ódio pela Alemanha às vezes me perseguia em meus sonhos. Mas a imagem seria incompleta – e acho que de certa forma injusta para mim – se permanecesse confinada a estes elementos altamente emotivos ou especificamente nacionais. Na verdade, tive motivos de ordem superior para estar ansioso pela guerra com um tipo de desejo impaciente. Foi o aspecto mais amplo das coisas, as necessidades inerentes à própria situação do mundo, que foram os maiores advogados da guerra, e contra uma “paz” que nas circunstâncias só poderia ser uma rendição vergonhosa. A questão era se a ordem histórica ameaçada à qual todos pertencemos estava disposta a lutar por sua existência dado que apenas a luta poderia garantir sua preservação. Em outras palavras: se ainda se valorizava o suficiente para fazer o supremo sacrifício. Nesta pergunta tudo o mais estava contido. Lá se encontrava o critério para a atual vitalidade, sim a sinceridade, de seus ideais professados e, portanto, para o direito daquele sistema existir. Não conseguir estar à altura desse critério teria

sido equivalente a um veredito histórico em favor das novas ideias e forças, desta maneira sancionando todas as suas conquistas maléficas, por motivo de uma abdicação voluntária com o título de direito histórico superior. Pois em testes desse tipo, os sucessos *de facto* e *de juris* coincidem no fim – se a derrota de um lado ocorrer, mesmo parcialmente, por ele ter perdido a fé em sua própria causa (o caso da França). Mas isso nunca deve vir a ocorrer, para que um milênio de esforço humano não tenha sido em vão. À luz desta consideração, a questão de guerra ou paz se resolve naquela sublime ainda que terrível simplicidade que somente crises históricas extremas ocasionam. De todo o tumulto do pensamento confuso emergiram incrivelmente claras estas verdades axiomáticas: que nosso mundo desafiado teria que se posicionar mais cedo ou mais tarde se não quisesse abdicar ignominiosamente, e melhor cedo que tarde pois cada atraso gerava outro por consequência, o que só comprometia mais a posição já precária para a luta futura, e por isso custava caro demais; que a oportunidade de virar a maré passaria inapelavelmente; a estrada da paz ilusória também minava o próprio espírito da resistência, deveria finalmente levar a uma rendição vergonhosamente iludida. Em uma palavra: ver que mais terrível que a própria guerra com seus horrores e perigos, mas também com sua oportunidade, era a alternativa de que poderíamos antecipar os piores resultados de derrota sem nunca termos contestado a questão - e dado honra e alma à barganha na qual mesmo a derrota após uma luta valorosa salvaria ambas para um retorno posterior, ou pelo menos para uma saída de cena digna: ver tudo isso constituía um caso perfeito para guerra como jamais houve - e para a guerra enquanto havia tempo. Do modo que o caso era para ser considerado bom mesmo em face de um duro pessimismo quanto à declaração de guerra (na época uma possibilidade remota), que era bom lembrar, em alguns dos momentos mais negros e aparentemente sem esperança, da eventual guerra em si.

Como a maioria das pessoas, adquiri a lucidez final nos dias de Munique, quando a paz ilusória celebrava seu pior triunfo. Mas eu já tinha percebido antes, no início do rearmamento de Hitler, quando a interdependência da política interna e externa dele se tornou evidente. Para citar uma data [posterior]: desde o movimento dele para Renânia (março de 1936 – aquela grande oportunidade perdida para intervenção francesa de baixo custo) o essencial do quadro geral estava pronto, e já tinha formado com os normais altos e baixos do pensamento humano, meu credo político desde então. Claro, ele pressupunha a percepção de que o nazismo não era o pequeno movimento de

classe média pelo qual ele frequentemente se fazia passar (por nossos abençoados socialistas), não para um paraíso de lojistas, mas para a dominação mundial a qualquer preço – um apocalíptico libertar dos demônios. Durante minha estada na Renânia, no outono e inverno de 1937 (essa quietude invernal antes da tempestade como ficou claro em seguida – para mim pessoalmente uma pausa nos problemas da Palestina) tive chance, conversando com muitos turistas da Europa Central, de comparar minhas deduções com desenvolvimentos de verdade “em casa” e as considerei essencialmente confirmadas. Geralmente, Rodes foi uma oportunidade para mim, a primeira em anos, de ter contatos e trocas fora da esfera judaica. Foi certamente tudo encoberto pela política. Lembro de muitas conversas com “arianos” germânicos por um lado e com “ocidentais” por outro. Entre os últimos estava um casal inglês do Cairo (Douglas – posso ter mencionado eles, com ou sem nome, em uma de minhas cartas para casa na época) com quem mantive contato por um tempo após sua partida: foi em uma carta para eles a propósito de um artigo do Sr. Garvin no “Observer” que eles me tinham enviado (aprovando-o) que eu previ de modo bem preciso o principal desenrolar de eventos que seguiria: o sacrifício vão da Tchecoslováquia (advogado pelo próprio Garvin) e o inevitável confronto com o império britânico pela dominação mundial - e ainda lembro de ter tido a sensação de estar me movendo em solo fantástico com essas extravagantes declarações; assim como sem dúvida meus correspondentes. Eu não tinha resposta. Então veio a primavera de 1938 e o grande declínio europeu começou. Na época, você já estava fora da Alemanha e do velho continente, e com sua jovem esposa na jornada em busca da nova terra. Não sei se vocês dois, distantes em sua linda ilha oceânica, envolvidos em construir uma vida nova, sofreram as mesmas agonias que nós no velho mundo à vista da grande retirada que ocorria e durante todo 1938, com o perverso júbilo sobre Munique – “É a paz para nosso tempo” – como ponto mais baixo<sup>4</sup>. Não havia fim à capitulação? A enchente inundaria a Europa sem oposição? O único raio de esperança no escuro, na confusão, foi Winston Churchill, cujos escritos eu devorei na época, mas que era então um mero profeta no deserto. Contra este fundo, o estouro da guerra em setembro de 1939 veio como verdadeiro alívio. Isso soa blasfemo à luz dos horrores e destruições não contados que esta guerra trouxe, e vai trazer mais até o amargo fim (e amarga será mesmo a vitória com esse preço). E ainda assim, mantenho meu sentimento daquela hora agora, como mantive mesmo na hora em que a

---

<sup>4</sup> Só encontra paralelo e só é superado por junho de 1940 no colapso da França.

derrota parecia próxima. Deus sabe que não havia leveza na afirmação com a qual eu recebi essa trágica decisão. Uma geração que despertou sua consciência na última guerra e estava imbuída profundamente do espírito de “nunca mais” não é presa fácil para a febre de guerra. Todos tivemos nossas lutas para romper com o admitido pacifismo daquele período. Além do mais, eu não alimentava ilusões em relação a uma vitória fácil nem certa; embora ninguém pudesse ter previsto o imediatismo dramático e a extensão cataclísmica das catástrofes que vieram. Mas mantive que mesmo no caso de uma derrota que aquele que se submete aos infortúnios da batalha possa sofrer como uma possibilidade, é melhor cair lutando que deslizar para o abismo sem resistir. Tenho por crédito que tudo isso não é sabedoria após o fato: nos primeiros dias da guerra escrevi um panfleto<sup>5</sup>, nas mesmas linhas ideológicas desta carta, que era um apelo a meus jovens concidadãos, que circulou em algumas de nossas cidades e foi assunto de muito debate. Para minha surpresa, a presunção básica da identidade do judeu e do interesse (“Aliado”) geral nesta guerra provou-se um terreno polêmico naquele estágio; defrontei-me inesperadamente com o lado paroquial do patriotismo local – com o qual volto à “campanha” mencionada anteriormente nesta carta, um sinal de que devo dar um basta em meu monólogo e nesta carta que se estende.

Ao relê-la, percebo até que ponto leva as marcas de sua gênese – sendo composta e escrita em pedaços em muitas noites, às vezes com grandes intervalos – e que em sua dispersão, suas muitas repetições etc. é tudo menos um documento conciso. O que é mais importante: temo que muito de seu conteúdo que possa ter sido fresco e original (mais ou menos) alguns anos atrás, soe trivial hoje. Mas este é um relato inteiramente pessoal, algo da natureza de uma confissão, que ainda pode interessar a você por motivo de sua simpatia pessoal pelo escritor. De qualquer modo, tive que escrever para me livrar da obsessão de anos passados ao colocar tudo ante aquilo cujo entendimento mútuo nos uniu nos dias anteriores. Que foi uma obsessão, você deve ter sentido nesta mesma carta, seja lá o que mais ela transmita a você, e você entenderá que isso às vezes interferiu seriamente em meu trabalho, repetidamente distraíndo meus pensamentos do mundo antigo. Acrescente a isso a ocupação efetiva de tempo e energia pelos tumultos locais durante os três anos que precederam a guerra, e terá o motivo pelo qual minha empreitada literária não atingiu seu ápice em estágio impresso, embora sua

---

<sup>5</sup> “Nossa Participação na guerra. Um apelo aos homens judeus”. Publicado em “Memórias” e traduzido como anexo em minha Tese de Doutorado. N.T.

parte de pesquisa tenha sido finalizada anteriormente. O único período de produtividade sem interrupções que tive foram os meses em Rodes durante os quais eu quase, mas não totalmente, terminei o segundo volume. Falta escrever o capítulo sobre Plotino que no plano original era para ser a joia da coroa. Sua substância foi, entretanto, direcionada para minhas palestras na universidade sobre “Neoplatonismo e a filosofia de Plotino”, durante todo um curso de verão. Para os propósitos de meu livro, teria que ser reescrito de modo apropriado, além da tradução (re-tradução na verdade) do hebraico. Mas nunca completei este último passo: a conexão com a editora alemã foi então rompida, o que tirou muito incentivo de meu esforço e, além disso, como mencionei, não estava envolvido de coração naquele último estágio antes da tempestade que se aproximava. Concentrar-me em 2000 anos atrás... e ainda, por outro lado, quão pontual para nosso próprio período tumultuoso é aquele mundo do fim do império romano, o mundo do declínio da civilização antiga com suas grandes crises sociais e espirituais, sua contínua fermentação, seus conflitos de ideologias, sua anarquia e niilismo, sua mistura de refinamento e rudeza, sua luta entre sistemas de pensamento racionais e “irracionais”, entre valores espirituais estabelecidos e novas forças – e a decaída final da “doce racionalidade” ante o insurgente radicalismo sinistro de uma nova era. “Declínio e Queda” ... que instinto subconsciente me levou a este período de precária transição no início de meus estudos e me fez escolhê-lo como assunto principal de minha pesquisa. A significância moderna dele, que não estava presente em minha mente quando escrevi o primeiro volume, me foi sugerida por alguns dos revisores. A propósito, uma revisão muito interessante e completa, na verdade um ensaio completo (em francês) de não menos que 50 páginas sobre meu livro, que chegou a mim pouco antes da guerra de um periódico canadense. Se a pertinência daquela história passada para nosso tempo também se estende a sua prognose – como pensava Spengler – é uma questão vasta demais para abordar aqui. Devo de fato chegar ao fim, visto que a oportunidade de usar uma máquina de escrever logo terminará.

Então, após todas as generalidades, alguns breves assuntos pessoais. Primeiro, a morte de sua mãe ano passado sobre a qual soube apenas um ano depois. Por favor, não me julgue demasiado por não ter escrito na época uma carta de pêsames. Você, e ainda mais seu pai, têm meus profundos sentimentos. Quanto à sua mãe, repito o que disse a mim mesmo quando meu pai morreu: que ser levado embora desta confusão infernal, ao ser preso em uma terra nazista, é para nosso antigo povo nestes tempos uma boa saída,

em muitos casos uma verdadeira libertação. Aqueles que ficam receberão ainda mais nosso cuidado. A este respeito, você em um país (ainda) neutro, tem mais sorte que eu. Ouvi do tio Leo que há boas perspectivas para você de levar seu pai para aí. Uma história semelhante ouvi há pouco de Heine S. a respeito de que seus pais podem conseguir levar a irmã dele para Nova York. Fico ainda mais chateado por não poder fazer nada por nossa querida Rose, que não tem ninguém para ajudá-la, e que vai ficar totalmente sozinha após a iminente partida de seu pai. Mas minhas mãos estão completamente amarradas: não há visto de imigração para a Palestina durante a guerra, nem mesmo promessas de permissão posterior a ser obtida que possa ajudá-la a obter admissão imediata em algum país neutro (como sugerido pelo Leo); não há possibilidade de enviar dinheiro ao exterior devido a restrições sobre dinheiro efetivo em toda a área Sterling. A última circunstância bloqueia um caminho que de outro modo seria o mais simples e mais natural: que ela devesse ir com seu pai aí onde você está até que as condições permitissem que ela viesse à Palestina, enquanto eu arranjaria os meios de mantê-la por aqui. Se você fosse rico eu ainda sugeriria esta ação contra minha promessa de reembolsá-lo após a guerra, com todas as provisões, testamentárias e tudo o mais, de salvuardá-lo. Mas sei que você está com dificuldades – e por isso não posso ver nada que eu poderia fazer. Enquanto isso, tenho até medo de que Rose tenha um sentimento de ter sido abandonada por nós aqui. Mas tenho certeza de que você a fará entender melhor como as coisas estão. O que infelizmente não deixa as coisas mais fáceis para ela. Tudo isso é muito perturbador.

Agora uma novidade mais pessoal que talvez será a maior surpresa de todas para você: Irmão Georg também se alistou, e alguns meses atrás, foi aceito pelo Corpo de Pioneiros da Palestina e saiu quase imediatamente para a zona de ação. Como sempre acontece com ele, levou muito tempo para se decidir, e eu cuidei para não o influenciar (exceto automaticamente por meu exemplo) apesar da ansiedade dele para que eu o aconselhasse. Mas no final, após todas as hesitações, ele ficou genuinamente feliz com a decisão e com o fato de ter sido aceito. Nunca o vi de uniforme, tão rápido que tudo aconteceu. Tenho boas embora esporádicas notícias dele. Ele trabalha pesado, em condições climáticas e outras muito difíceis, e parece enfrentar essas condições surpreendentemente bem. Acontece que ele sem querer pegou uma situação bem mais difícil que a minha. Que paradoxo: eu estava desde o início querendo “a coisa real”, sempre em busca de trabalhos expostos – e de algum modo nunca os consegui. Em

1939/40 eu queria ir para a França de qualquer jeito; em 40/41, já estando no serviço, aprendi grego moderno no novo e bastante promissor front – e nada de nada. Talvez foi tudo pelo melhor. Mas aqui estou, muito mais abrigado do que seria de meu gosto – e há Georg, sempre tímido e irresoluto, e foi ele que entrou na parte pesada. O endereço dele é: Nº 14263 Pte. JONAS G., 609 Coy., PAL. PIONEER CORPS, FORÇAS DO ORIENTE MÉDIO.

Finalmente, você certamente gostaria de ouvir algo mais concreto sobre minha vida no exército. Por razões óbvias não posso entrar em muitos detalhes. Mas se tiver que resumir diria que gosto de ser soldado. É uma vida difícil, e o sacrifício do conforto, liberdade e acima de tudo de privacidade que vem junto não é sempre fácil para um homem de meus hábitos e gostos, para não mencionar idade. A artilharia é um assunto interessante em si, de fato uma ciência com várias ramificações. Tentei desde o início combinar com nosso treinamento e instrução prática um entendimento geral da teoria (que envolveu uma útil lembrança de meus conhecimentos de matemática e física) e até me aventurei sozinho em alguns pequenos problemas de balística. Por estranho que possa parecer a você: tenho o mesmo prazer na pesquisa e descoberta dela que tinha em meu próprio campo de pesquisa. Talvez isto mostre a você mais que qualquer coisa o quanto eu mergulhei de corpo e alma nesse negócio de guerra. Mas é claro que a falta de tempo e de meios de instrução colocam um limite estreito a essas empreitadas. Além disso, a artilharia A.A. (especialmente A.A. leve) não oferece muito escopo à aplicação da verdadeira arte da balística, já que é principalmente tiro direto. Este é um motivo pelo qual eu gostaria muito mais de estar na Artilharia de Campo. O outro motivo é aquele ao qual me referi, que nossa vida é estacionária demais para meu gosto. É verdade que estivemos em ação muitas vezes no que acredito ser descrito como ataques aéreos moderadamente pesados (dois deles durando de três a quatro horas da noite). Confesso que gostei imensamente, se é que não vai me achar louco. Incidentalmente, disseram que fizemos “um bom espetáculo”. Mas – apenas ficar sentado esperando o inimigo chegar – e passar a maior parte da guerra nessa espera – ao invés de ir procurá-lo onde ele está não é muito de meu gosto. Então, a artilharia de solo é a coisa mais verdadeira. Mas uma vez que você tenha se alistado em certo exército e unidade, você fica preso a ela “enquanto dure”. Não pode fazer do seu jeito na vasta maquinaria de um exército.

Correndo o risco de me repetir, direi aqui que não é apenas o puro amor à aventura que me faz pensar, como você vê pelos dois últimos parágrafos. É minha convicção de que os judeus têm que estar nesta guerra onde ela é mais real. Os tchecos e poloneses podem dizer o mesmo por si – não há o que se discutir a respeito. Mas com certeza, nós fomos isolados pelo inimigo como ninguém mais – nosso *titre d'honneur*<sup>6</sup> para essa época. Nossa resposta deve ser na linha de batalha.

Bom, agora encerro com um apelo: querido Gerry, não me pague em minha própria moeda e me deixe esperando uma resposta como lhe deixei. Concedo a você uma carta de um décimo do tamanho desta se ela se materializar em um décimo do tempo. Espero que esta chegue a você. De qualquer modo, fico com uma cópia dela – com uma ameaça: se eu não receber confirmação desta carta em digamos 3 meses, presumirei que se perdeu e enviarei a cópia - agora tenho certeza de que você me poupará as despesas (pelo menos 4 vezes a desta aqui, pois é em papel comum) e ao censor o trabalho. Então responda logo.

Recebido em: Junho de 2021

Aceito em: Agosto de 2021

---

<sup>6</sup> “*Título de honra*”, em francês no original. N.T.